



TERMOS FICCIONAIS NA LINGUAGEM: SEMÂNTICA E REALIDADE

Gabriel Faccio Spagnol

Mestrando do Curso de Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista do CNPq

Newton Marques Peron

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

bielspagnol@gmail.com

1. Introdução

A filosofia da linguagem desempenha um papel importante na filosofia contemporânea. O estudo da relação entre linguagem e realidade é uma questão central nesse campo de investigação, com implicações que se estendem a outros ramos da filosofia, como à epistemologia e à teoria do conhecimento. Compreender de que modo a linguagem representa o mundo é fundamental para compreensão do conhecimento humano e da comunicação, uma vez que a linguagem é o meio primário pelo qual expressamos pensamentos, transmitimos informações e estabelecemos significados compartilhados.

Do mesmo modo, a ficção permeia a cultura e a experiência humana, seja em formas contemporâneas de literatura, no cinema ou em jogos digitais, os seres humanos têm recorrido à invenção de personagens, mundos e histórias, tanto como um meio de expressão, quanto uma forma de crítica a aspectos da sociedade. Falar sobre personagens como Sherlock Holmes ou Harry Potter é uma prática comum e, aparentemente, desprovida de dificuldades: utilizamos esses nomes no dia a dia, atribuímos-lhes propriedades, comparamos personagens de diferentes obras e discutimos seus comportamentos como se fossem indivíduos reais, muitas vezes comparado a indivíduos que conhecemos.

No entanto, apesar de sua forte presença em práticas culturais e linguísticas, essa aparente naturalidade levanta algumas questões, como: que tipo de entidade é um personagem ficcional? Podemos dizer que ele existe? E se não existe, como é possível falar, discutir e até inferir verdades a seu respeito?



Essa pesquisa procura explorar a natureza e o funcionamento dos nomes ficcionais a partir de debates centrais da filosofia da linguagem e da filosofia da ficção. Os nomes são elementos básicos da linguagem natural, funcionando como dispositivos referenciais que nos permitem designar objetos específicos. A investigação parte da filosofia da linguagem, mais especificamente do debate clássico sobre o status semântico dos nomes próprios, tal como desenvolvido por Frege (2009), Russell (1974a; 1974b) e Kripke (2012; 2013). Nesse contexto, os nomes ficcionais surgem como casos problemáticos, cuja análise permite esclarecer tanto os limites das teorias tradicionais quanto a complexidade da nossa prática linguística ordinária.

Dessa forma, a questão central que guia esta dissertação pode ser formulada da seguinte maneira: como é possível falar significativamente sobre personagens ficcionais e a que esses nomes se referem, se é que se referem a algo? Para responder a essa questão, analisamos abordagens irrealistas e realistas, tais como o irrealismo de Mark Sainsbury (2009, 2021), a Metafísica Meinongiana Modal de Francesco Berto (2008), o Artefactualismo Ficcional de Amie Thomasson (1999) e a teoria de personagens como ideias proposta por Everett e Schroeder (2015).

A análise será conduzida com foco nas implicações semânticas e pragmáticas do uso desses nomes, buscando uma teoria que consiga explicar, de maneira coerente, como é possível falar significativamente sobre personagens ficcionais que, mesmo não localizados no mundo físico, estão presentes em nossa linguagem e cultura.

2. Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica, com foco em obras da filosofia da linguagem e da filosofia da ficção, considerando livros e artigos publicados, priorizando obras de reconhecida relevância e impacto acadêmico, direcionada pela pergunta central: como é possível falar significativamente sobre personagens ficcionais e a que esses nomes se referem, se é que se referem a algo?

A pesquisa partiu de teorias clássicas sobre nomes próprios, como as de Frege (2009), Russell (1974a; 1974b) e Kripke (2012; 2013), utilizando a distinção entre proferimentos envolvendo a ficção proposta por François Recanati (2018), que oferece um instrumental analítico importante para distinguir os diferentes contextos de uso dos



nomes ficcionais e compreender sua função pragmática: ficcionais, metaficcionais e paraficcionais. Com essa base, foram examinadas abordagens contemporâneas voltadas à ficção, como o irrealismo de Sainsbury (2009; 2021), a metafísica meinongiana de Berto (2008), o artefactualismo de Thomasson (1999) e a proposta de personagens como ideias de Everett e Schroeder (2015).

3. Resultados e discussão

A análise desenvolvida ao longo da pesquisa revelou que os nomes ficcionais desafiam diretamente os modelos tradicionais da filosofia da linguagem. Teorias como o descritivismo de Frege (2009) e Russell (1974a; 1974b), assim como a teoria da referência direta proposta por Kripke (2012; 2013), oferecem estruturas eficazes para lidar com nomes ordinários, entretanto elas enfrentam dificuldades significativas quando se deparam com nomes ficcionais, especialmente em relação à referência e à avaliação do valor de verdade de sentenças em que eles ocorrem.

A proposta de François Recanati (2018) contribui significativamente para esclarecer em quais contextos e de quais modos utilizamos nomes ficcionais, ao distinguir três formas de uso dos nomes ficcionais: os proferimentos ficcionais são os proferimentos veiculados na obra e escritos pelo autor. Os proferimentos metaficcionais são sobre a obra, mas externos a ela como “Sherlock Holmes é um personagem criado por Arthur Conan Doyle”. Proferimentos paraficcionais também dizem respeito a obra, mas de maneira interna, relatando acontecimentos, eventos, características, entre outras coisas. Por exemplo, quando dizemos que “Em *Um Estudo em Vermelho*, Sherlock Holmes resolve um assassinato”. Essa distinção é fundamental e serve como base conceitual para delimitar os diversos usos dos nomes ficcionais e preparar o terreno para as análises subsequentes.

Com base neste panorama, foram examinadas algumas das principais respostas dadas na literatura filosófica à questão ontológica: os personagens ficcionais existem? A abordagem irrealista, representada por Mark Sainsbury (2009; 2021), nega que os nomes ficcionais se refiram a algo, negando qualquer compromisso ontológico às sentenças que envolvem tais nomes. Essa posição busca preservar uma ontologia parcimoniosa, mas encontra dificuldades ao explicar a coerência intertextual dos



personagens e a referência compartilhada, ou co-referência, dificultando a compreensão de como duas pessoas podem discutir o mesmo personagem.

Por outro lado, as abordagens realistas procuram atribuir algum tipo de existência aos personagens. Francesco Berto (2008), por meio da metafísica meinongiana modal, admite entidades não-existentes como possíveis referentes, permitindo preservar as nossas intuições que algumas sentenças envolvendo personagens ficcionais são verdadeiras. Contudo ela enfrenta desafios importantes, principalmente em relação à identidade dos objetos ficcionais, à noção de co-referência, e o risco de que nossas atitudes em relação a personagens fiquem mal fundamentadas ao tomar suas propriedades apenas como possíveis.

Já Amie Thomasson (1999), com o artefactualismo ficcional, que propõe que personagens são artefatos abstratos criados pela intencionalidade humana. Esta última proposta se destaca por fornecer uma teoria que preserva muitas de nossas intuições, assim como a identidade dos personagens. Apesar disso, ela precisa superar algumas dificuldades, principalmente em relação a aceitação e negação de sentenças existenciais e explicar como um artefato abstrato pode ter as propriedades do tipo “ser um detetive” ou “é um bruxo”, comumente atribuídas a personagens ficcionais.

A proposta de Everett e Schroeder (2015), que entende personagens como ideias, oferece uma alternativa interessante, articulando uma visão que tenta captar tanto a natureza histórica quanto as práticas culturais que possuímos em relação a eles. No entanto, ela também enfrenta desafios significativos, como a necessidade de fornecer uma explicação sem ambiguidade sobre o que é uma ideia e suas propriedades, além de esclarecer os critérios de identidade e persistência ao longo do tempo.

4. Considerações finais

Embora esta pesquisa ainda esteja em desenvolvimento, os resultados parciais indicam que o problema dos nomes ficcionais exige uma análise que combine aspectos semânticos e ontológicos, pois entender como falamos sobre ficção envolve, ao mesmo tempo, compreender como funciona a linguagem e a intencionalidade humana. Dessa forma, as teorias clássicas da linguagem enfrentam limitações quando aplicadas a



entidades ficcionais, o que justifica a necessidade de rever essas teorias ou buscar modelos alternativos.

Até o momento, o artefatuismo ficcional tem se mostrado uma abordagem promissora, ao oferecer uma explicação coerente para o uso significativo de termos ficcionais sem recorrer a entidades metafisicamente problemáticas. Nas próximas etapas da pesquisa examinaremos as implicações pragmáticas dos proferimentos paraficcionais e metaficcionais, e como lidar com a verdade na ficção, avaliando como podemos transmitir informações verdadeiras ou falsas sobre histórias ficcionais, fornecendo uma análise sobre como os termos ficcionais podem ser compreendidos e analisados semanticamente.

Referências

EVERETT, A.; SCHROEDER, T. Ideas for Stories. In: BROCK, S.; EVERETT, A. (ed.). **Fictional Objects**. S/L: Oxford University Press, 2015. p. 275-293.

FREGE, F. L. G. **Lógica e Filosofia da Linguagem**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

KRIPKE, S. A. **O Nomear e a Necessidade**. 22. ed. Lisboa, Portugal: Editora Gradiva, 2012. Tradução de Ricardo Santos.

KRIPKE, S. A. **Reference and existence: the John Locke lectures**. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2013.

RECANATI, F. II—Fictional, Metafictional, Parafictional. **Proceedings of the Aristotelian Society**, v. 118, n. 1, p. 25–54, 21 fev. 2018.

RUSSELL, B. A. W.; MOORE, G. E. **Lógica e Conhecimento**: ensaios escolhidos - A Filosofia do Atomismo Lógico. 42. ed. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1974a.

RUSSELL, B. A. W.; MOORE, George Edward. **Lógica e Conhecimento**: ensaios escolhidos - da denotação. 42. ed. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1974b.

SAINSBURY, R. M. **Fiction and fictionalism**. London: Routledge, 2010.

SAINSBURY, R. M. Fictional Names: Reference, Definiteness and Ontology. **Organon F**, v. 28, n. 1, p. 44–59, 28 jan. 2021.

THOMASSON, A. L. Fiction and metaphysics. **Cambridge: Cambridge University Press**, 2008.